

Gabriel Figueiredo

Flusser como educador

“Seus educadores não podem ser
mais que seus libertadores.”

Friedrich Nietzsche

A *persona* e a obra de Vilém Flusser são educativas por representarem uma antítese à sua época, com a qual não rompemos, mas somos dela herdeiros e continuadores — continuam sendo, portanto, antítese à nossa. Nosso século aprofunda o especialismo, o hiperprodutivismo acadêmico, a medição quantitativa do conhecimento e a submissão da produção intelectual ao ritmo do capitalismo. Temos como resultado individualização despersonalizadora — que nega o olhar do sujeito —, alienação pela própria ultra compartimentalização das áreas — psiquiatras que nunca ouviram falar em Foucault — e paliativos desesperados — como a inter/multidisciplinaridade, que pretendem superar o especialismo, mas criam, na verdade, especialistas das fronteiras. Flusser é um educador da contramão desse caminho. Ele, esse pensador que escreveu sobre espelhos e computadores, sobre tapetes e Kafka, considerou como tarefa do intelectual, e mais especialmente do professor, “provocar zonas de subversão intelectual em seu torno” — contrassenso a tudo o que se vive e se vê nos “lugares do conhecimento”, que buscam antes policiar e promover a manutenção contínua de uma “pureza”, contrária a qualquer subversão, o que se manifesta explicitamente no policiamento da *forma*.

Ensaísta quase jornalístico, Flusser sempre foi alheio à forma privilegiada; consciente de que o conteúdo só existe *na* forma, ataca implicitamente a fonte positivista do policiamento da mesma: a crença de que se pode abolir o sujeito, de que na objetividade não há sujeito, e sem sujeito, salva-se a pureza, resguarda-se a objetividade; como se um texto objetivo não fosse produzido por um “eu”, como se não estivesse submetido a uma forma; como se não fosse, aliás, a objetividade mesma uma forma — de pensar, ver, escrever (da língua?) —: uma forma anti-forma, uma estética antiestética — uma forma não autônoma. Contra a hipostasiada “abolição do sujeito”, Flusser destaca a potencialidade criadora — até mesmo impositiva — do conhecimento, em detrimento da noção de que conhecer é descobrir.

Vilém Flusser, que concebia o pensamento como significativo não pela sua “verdade”, mas pela sua capacidade de produzir novos pensamentos, nos ensina a especular, não apenas a decifrar

— como se fossem sagrados os textos. Como escritor e intelectual, Flusser sempre manteve aquilo que Theodor W. Adorno chamou “a lei formal mais profunda do ensaio”: a heresia.

É curioso que em sua autobiografia — gênero que associamos diretamente a “discurso” — a maior parte do livro seja ocupada por um capítulo cujo título é “Diálogo”. Flusser estava na contramão do individualismo no conhecimento. Considerou o diálogo como a busca, por vezes frustrada, do novo. O novo, que é herético, é a busca do ensaio, este discurso que se frustra quando sem resposta — não é o ensaio, afinal, um discurso que anseia ser diálogo?

Vilém Flusser, que se viu escolher entre a morte e a fuga, foi, sobretudo, e talvez por isso, um agente em favor da liberdade. E esta fica bem representada num trecho de outro autor, também pouco convencional, que marca dialogicamente a vida e as reflexões flusserianas: João Guimarães Rosa: — “Mas liberdade — aposto — ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para a liberdade se fazer” —. Essa liberdade não ingênua, e não ensinável, é nossa busca — pois é nessa busca que se retribui a um educador. E, entre muitos pontos, a importância de Flusser reside justamente no fato de que nele podemos não aprender, mas procurar, esse “bêco para a liberdade se fazer”.